



05 DE NOVEMBRO 2010

Sexta-feira

- **CNI - CLIPPING NACIONAL E INTERNACIONAL**
- **GANHO DA INDÚSTRIA É RECORDE**
- **PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGISTRA QUEDA EM SETEMBRO, INDICA IBGE**
- **CNI: FATURAMENTO DA INDÚSTRIA NUNCA ESTEVE TÃO ALTO**
- **IBGE: PRODUÇÃO DE MÁQUINAS CAI 2,6% EM SETEMBRO**
- **NÚMERO DE FALÊNCIAS DE MICRO E PEQUENA EMPRESA É O MENOR DO ANO**
- **TOYOTA SOBE LEVEMENTE PROJEÇÕES DE LUCRO, MAS IENE FORTE PESA**
- **MÍNIMO DEVERIA SER DE R\$ 2.132, DIZ DIEESE**
- **SARNEY SINALIZA QUE MÍNIMO DE R\$ 580 PODE SER APROVADO**
- **CESTA BÁSICA DE CURITIBA É A TERCEIRA MAIS CARA DO PAÍS**
- **PRODUÇÃO INDUSTRIAL BRASILEIRA REGISTROU CONTRAÇÃO NO TERCEIRO TRIMESTRE DESTA ANO**

Câmbio		
Em 05/11/2010 às 16h30		
	Compra	Venda
Dólar	1,678	1,680
Euro	2,358	2,361

Fonte: BACEN

CNI - CLIPPING NACIONAL E INTERNACIONAL

04/11/2010 – CNI

Em anexo.

GANHO DA INDÚSTRIA É RECORDE

05/11/2010 – Gazeta do Povo

Faturamento do setor em 2010 é 11,3% maior que o do ano passado, e supera também as receitas do período pré-crise.

A indústria brasileira nunca ganhou tanto dinheiro. É o que mostrou a pesquisa Indicadores Industriais de setembro, divulgada ontem pela Confederação Nacional da Indústria (CNI). O resultado do mês superou o pico anterior, de março deste ano, e também o maior resultado do período pré-crise, de julho de 2008.

Em setembro, o indicador de faturamento real (já descontada a inflação) do setor industrial alcançou 120,3 pontos, contra 119,6 pontos em março deste ano e 118,9 em julho de 2008. A pesquisa utiliza como índice a base fixa de 100 pontos, que equivale à média obtida em 2006, data de início da publicação.

Esses dados reforçam o quadro de otimismo revelado por uma pesquisa de opinião da própria CNI. Segundo a Sondagem Industrial do terceiro trimestre, publicada na semana passada, os empresários estão "satisfeitos com a margem de lucro operacional e a situação financeira de suas empresas" pela primeira vez em três anos.

No estudo divulgado ontem, a CNI destacou que "o faturamento mostra um movimento intercalado entre crescimento e queda durante praticamente todo o ano de 2010". Entretanto, os números acumulados no ano são inequívocos em apontar o bom momento do caixa da indústria. De janeiro a setembro, o faturamento real do setor foi 11,3% maior que o do mesmo período desde 2009. Na comparação com os nove primeiros meses de 2008, até então o melhor momento da história recente da indústria brasileira, também houve alta, de 3,1%. Sinais de que, ao menos quanto ao faturamento, o setor já superou a crise.

Essa é a realidade da "média" do setor. Na divisão por segmentos, a comparação com 2009 mostra que, dos 19 ramos pesquisados pela CNI, 17 estão ganhando mais dinheiro neste ano, com destaque para edição e impressão (alta de 25,6%), máquinas e equipamentos (22%) e veículos (20,7%). As exceções são refino de petróleo e álcool, cujo faturamento recuou 6,7%, e outros equipamentos de transporte, com baixa de 1,4%.

Em relação a 2008, o cenário é menos homogêneo: cinco segmentos ainda não conseguiram bater o faturamento dos nove primeiros meses daquele ano – madeira, refino de petróleo e álcool, borracha e plástico, metalurgia básica e material eletrônico e de comunicações.

Emprego

O emprego industrial cresceu pelo 15.º mês seguido e voltou a bater recorde em setembro. No acumulado de 2010, a expansão é de 5,3% em relação a igual período de 2009. Entre 19 segmentos industriais, apenas o madeireiro emprega menos gente que em 2009 (-5,5%). Por outro lado, nove ramos ainda não retomaram o patamar de emprego de 2008.

A massa salarial avançou 1,1% sobre agosto, e 6,8% ante setembro do ano passado. Em 2010, ela acumula alta de 6,1%. O rendimento médio do trabalhador cresceu 0,5% sobre agosto, mas caiu 0,3% em relação a setembro de 2009. O indicador acumula leve alta de 0,7% nos nove primeiros meses de 2010.

Ainda segundo a CNI, a Utilização da Capacidade Instalada (UCI) na indústria recuou pelo segundo mês seguido e chegou a 81,9%, em setembro. Em agosto, o indicador estava em 82,2%.

* * * * *

Produção cai pelo segundo mês seguido

Paralisações nas atividades de petróleo e químicos e importações de bens de capital e do setor siderúrgico levaram a produção industrial a registrar mais uma queda em setembro, a segunda consecutiva. O recuo de 0,2% ante o mês anterior repetiu o resultado de agosto, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Para o economista da coordenação de indústria do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) André Macedo, o setor prossegue na trajetória de "estabilidade". A indústria fechou o terceiro trimestre com recuo de 0,5% ante o segundo trimestre. No acumulado do ano, no entanto, ainda acumula expressiva alta de 13,1%.

O resultado negativo de setembro já era esperado por analistas econômicos, que preveem uma aceleração na produção no último trimestre do ano. O economista da Link Investimentos Thiago Carlos, avalia que, a partir dos dados de outubro, o impacto das festas de fim de ano deve gerar uma movimentação maior na atividade. Ele não modificou a expectativa de expansão de 11,2% no acumulado de 2010 – resultado que, se confirmado, será o melhor da série histórica, iniciada em 1991.

O analista Bernardo Wjuniski, da Tendências Consultoria, avalia que a queda no terceiro trimestre reflete um ajuste de estoques na indústria após a forte aceleração do início do ano e a perda de ritmo do segundo trimestre. "Com o término desse ajuste, a produção deve voltar a crescer incentivada, principalmente, pela demanda doméstica", acredita.

Bens de capital

A produção de bens de capital (máquinas e equipamentos para a indústria), que sinaliza o desempenho dos investimentos, mostra "claramente um comportamento negativo nos últimos meses", segundo Macedo, do IBGE. Depois de ficar estável em julho e agosto, ela caiu 2,6% em setembro. Para o economista, "não há explicação

pronta para esse comportamento, que passa por vários fatores, como possível aumento das importações de máquinas e equipamentos, crescimento muito forte anterior que elevou a base de comparação e estabilidade na confiança dos empresários”.

PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGISTRA QUEDA EM SETEMBRO, INDICA IBGE

04/11/2010 – Gazeta do Povo

A produção industrial registrou leve queda de 0,2% em setembro, na comparação com o mês anterior, sem influências sazonais, segundo levantamento divulgado nesta quinta-feira (4) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Na comparação anual, a produção teve alta de 6,3%, menor marca desde os 5,3% registrados em novembro de 2009, de acordo com a pesquisa.

Em agosto, a produção industrial também havia registrado queda, de 0,1%. No acumulado dos nove primeiros meses do ano, o avanço é de 13,1%. Nos últimos 12 meses, a taxa ficou em 11,2%, contra 9,8% no mês anterior - resultado mais elevado desde o início da série histórica, conforme informou o IBGE.

A pesquisa mostra que, entre os 15 ramos de atividade, tiveram as maiores quedas na produção: produtos químicos (- 4,0%), material eletrônico e equipamentos de comunicações (- 11%), alimentos (-1,7%), metalurgia básica (-2%), veículos automotores (-0,9%) e refino de petróleo e produção de álcool (-1,5%).

Na contramão, apresentaram melhor desempenho em setembro, entre as 12 atividades pesquisadas: edição e impressão (15,5%), farmacêutica (6,3%), indústrias extrativas (2,5%) e bebidas (4%).

Sobre 2009

De acordo com o IBGE, a produção completou 11 meses consecutivos de taxas positivas na comparação anual. Dos 27 setores pesquisados, 22 tiveram aumento em setembro. A maior alta foi observada no ramo de veículos automotores, com alta de 19,8% na comparação com setembro do ano passado. Em seguida, aparecem os setores de máquinas e equipamentos (13,1%), edição e impressão (17,6%), indústrias extrativas (13,5%) e alimentos (5,8%).

Na comparação anual, entre os setores que registraram queda em setembro, os maiores destaques partiram de material eletrônico e equipamentos de comunicações (-16,9%) e outros produtos químicos (-3,2%).

CNI: FATURAMENTO DA INDÚSTRIA NUNCA ESTEVE TÃO ALTO

04/11/2010 – O Estado do Paraná

O faturamento da indústria nunca esteve tão alto, de acordo com os Indicadores Industriais de setembro, divulgados hoje pela Confederação Nacional da Indústria (CNI). O resultado do mês superou o pico anterior, obtido em março deste ano, e voltou a superar também o maior resultado obtido até então, que era o de julho de 2008, antes da crise financeira internacional.

Em setembro, o indicador chegou a 120,3 pontos, contra 119,6 pontos em março deste ano e 118,9 pontos em julho de 2008. A pesquisa utiliza como índice a base fixa de 100 pontos, que equivale à média obtida em 2006, data de início da publicação. No acumulado do ano, até setembro, o faturamento real da indústria apresenta crescimento de 11,3% em relação ao mesmo período desde 2009, mostrando claramente que, ao menos quanto ao faturamento, a indústria já superou completamente a crise.

Movimento semelhante pode ser notado com relação ao emprego industrial, que voltou a bater o recorde em setembro, com 111,5 pontos. De acordo com a CNI, entre janeiro e setembro deste ano o emprego industrial apresenta o crescimento de 5,3% em relação ao mesmo período de 2009. O último registro de queda do emprego ocorreu há 15 meses, em junho de 2009.

IBGE: PRODUÇÃO DE MÁQUINAS CAI 2,6% EM SETEMBRO

04/11/2010 - O Estado do Paraná

A produção de bens de capital (máquinas e equipamentos) recuou 2,6% em setembro ante agosto no Brasil, segundo informou hoje o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Na comparação com setembro do ano passado, houve um aumento de 15,9%. A produção de bens de capital é um indicador para o desempenho dos investimentos.

Entre as quatro categorias de uso pesquisadas, também houve queda em setembro, ante o mês anterior, na produção de bens intermediários (recoo de 0,5%) e de bens de consumo duráveis (queda de 1,3%). Já os bens de consumo semi e não duráveis registraram alta de 1,3% na produção no período.

Na comparação com setembro do ano passado, além de bens de capital, houve alta na produção de bens intermediários (5,9%) e semi e não duráveis (5,8%). Os bens de consumo duráveis registraram queda de 0,2%.

Revisão

O IBGE divulgou ainda uma revisão no resultado da produção industrial de agosto ante julho, da queda de 0,1% divulgada anteriormente para a baixa de 0,2%. O economista da coordenação de indústria do instituto, André Macedo, explicou que a revisão se deve à introdução de novos dados na série com ajuste sazonal e à retificação de informações fornecidas por empresas da categoria de bens de capital, cuja variação da produção em agosto ante julho também foi revisada, de alta de 1,4% para estabilidade.

Trimestre

O IBGE divulgou ainda que a produção industrial - incluindo todas as categorias de bens - caiu 0,5% no terceiro trimestre ante o trimestre imediatamente anterior e subiu 7,9% na comparação com o terceiro trimestre do ano passado. Em setembro, a produção industrial caiu 0,20% ante agosto, na série com ajuste sazonal. Na

comparação com setembro do ano passado, a produção da indústria registrou aumento de 6,3%.

NÚMERO DE FALÊNCIAS DE MICRO E PEQUENA EMPRESA É O MENOR DO ANO

05/10/2010 – Gazeta do Povo

Isso é o que aponta pesquisa da Serasa Experian referente a outubro. Levantamento atribui resultado ao "bom" momento vivido pela economia.

O número de micro e pequenas empresas que decretaram falência em todo o país, em outubro, foi o menor no ano, considerando esse porte, conforme indica levantamento da **Serasa Experian** divulgado nesta sexta-feira (5). No mês, foram decretadas 53 falências, sendo 46 referentes a empresas de menor porte.

De acordo com a pesquisa, em outubro, foram registrados cinco decretos de falências de médias empresas, e dois, de grandes. Já no mês anterior, houve 57 decretos de falências no país. Desse total, 50 partiram de micro e pequenas empresas, seis por médias, e uma de grande porte.

Os economistas da Serasa Experian atribuem essa queda verificada em outubro ao "bom momento econômico vivido pelo país neste ano". Na avaliação dos especialistas, as empresas que atuam mais diretamente no mercado doméstico são as mais beneficiadas.

"Além disto, os níveis recordes alcançados em 2010 referentes à pontualidade de pagamentos das micros e pequenas empresas, sinalizando melhor administração dos fluxos de caixa, também favorecem a diminuição das falências destas empresas", disse a Serasa, por meio de nota.

TOYOTA SOBE LEVEMENTE PROJEÇÕES DE LUCRO, MAS IENE FORTE PESA

05/10/2010 – Gazeta do Povo

A **Toyota** aumentou levemente sua projeção de lucro, ressaltando a vulnerabilidade da maior empresa japonesa ao iene firme e à recuperação tépida nas vendas de veículos.

Na primeira metade de seu ano fiscal, a maior montadora do mundo foi beneficiada por generosos incentivos do Japão para veículos híbridos, segmento que domina e permitiu que a companhia mantivesse suas fábricas japonesas operando a um ritmo razoável.

Mas parte dos estímulos do governo terminou em setembro, o que significa que as vendas da Toyota no Japão devem cair 25 por cento na segunda metade do ano fiscal, de acordo com um executivo da empresa.

O **iene** mais forte tem agravado o problema, tornando as exportações japonesas menos competitivas e menos lucrativas. A Toyota envia cerca de metade dos carros que fabrica no Japão para o exterior, comparado aos 30 por cento da rival Honda.

"Não quero pensar como vamos proteger os níveis de produção no Japão se o câmbio atual continuar", disse o vice-presidente executivo da Toyota, Satoshi Ozawa, em entrevista coletiva.

A Toyota está agora esperando um dólar médio de 82 ienes para a segunda metade do ano fiscal --ligeiramente mais favorável que a taxa atual de cerca de 80,70 ienes.

Para o ano fiscal que termina em março de 2011, a Toyota agora estima lucro operacional de 380 bilhões de ienes (4,71 bilhões de dólares), acima de sua previsão anterior de 330 bilhões de ienes, porém abaixo da média de 495,6 bilhões de ienes com base nas estimativas de 21 analistas. A montadora prevê lucro líquido de 350 bilhões de ienes, contra projeção anterior de 340 bilhões de ienes.

As revisões das estimativas da Toyota contrastam com aquelas feitas pela Nissan, que ampliou na quinta-feira suas projeções de resultado para acima do consenso do mercado, motivando alta de seis por cento para suas ações nesta sexta-feira.

As ações da Toyota acumulam queda de 5,8 por cento nos últimos três meses, recuando mais do que as de outras montadoras.

Para o período de julho a setembro, o lucro operacional da Toyota quase dobrou, para 111,5 bilhões de ienes, mas ficou abaixo da previsão de quatro analistas consultados pela Reuters, que apontava, em média, para 142 bilhões de ienes.

O lucro líquido do segundo trimestre fiscal foi de 98,7 bilhões de ienes, mais que quatro vezes maior que os 21,8 bilhões de ienes um ano antes.

A ação da Toyota subiu 1,9 por cento nesta sexta-feira. Os resultados trimestrais da empresa foram divulgados depois do fechamento da **Bolsa de Tóquio**.

MÍNIMO DEVERIA SER DE R\$ 2.132, DIZ DIEESE

05/10/2010 – Gazeta do Povo

As negociações para o salário mínimo que entra em vigor no ano que vem envolvem valores que variam de R\$ 560 a R\$ 580. Mas, segundo levantamento divulgado ontem pelo Dieese, o salário mínimo do trabalhador brasileiro deveria ter sido de R\$ 2.132,09 já no mês passado, para que ele pudesse suprir suas necessidades básicas e da família. A constatação foi feita por meio da Pesquisa Nacional da Cesta Básica.

Com base no maior valor apurado para a cesta em outubro (de R\$ 253,79, em São Paulo), e levando em consideração o preceito constitucional que estabelece que o salário mínimo deve ser suficiente para garantir as despesas familiares com alimentação, moradia, saúde, transportes, educação, vestuário, higiene, lazer e previdência, o Dieese calculou que o mínimo deveria ser 4,18 vezes superior ao piso em vigor no período, de R\$ 510.

Os valores são maiores que os apurados para setembro, quando o mínimo necessário foi estimado em R\$ 2.047,58 (4,01 vezes o piso em vigor). Em outubro de 2009, o Dieese calculou o valor necessário em R\$ 2.085,89, ou 4,49 vezes o mínimo então em vigor, de R\$ 465.

A instituição também informou que, para adquirir uma cesta básica, o trabalhador remunerado pelo salário mínimo necessitou cumprir, na média das 17 capitais pesquisadas, uma jornada de 94 horas e 11 minutos, maior que a de setembro, que era de 91 horas e 4 minutos. Em outubro de 2009, a jornada era cerca de três horas mais longa.

SARNEY SINALIZA QUE MÍNIMO DE R\$ 580 PODE SER APROVADO

04/11/2010 – O Estado do Paraná

O presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), sinalizou hoje que o valor do novo salário mínimo pedido pelas centrais sindicais de R\$ 580 tem chance de ser aprovado. "Nossa presidente Dilma já disse que vai fazer tudo para que o salário mínimo tenha um aumento substancial", afirmou Sarney. "Mas evidentemente nós precisamos fazer as contas de maneira que mantenhamos o equilíbrio fiscal", acrescentou. As centrais sindicais querem o valor de R\$ 580 para o salário mínimo, o governo defende R\$ 540 e a oposição, R\$ 600, valor prometido pelo candidato derrotado José Serra (PSDB) durante a campanha eleitoral.

Sarney informou que na próxima semana o Senado retomará as votações, "tirando das gavetas" várias propostas prontas para serem votadas no plenário. "Na próxima semana, vamos começar de novo, sempre no final do ano, bem do jeitinho brasileiro de deixar para a última hora. É a hora justamente de limpar as gavetas". Entre as propostas engavetadas estão a que reduz a maioridade penal de 18 para 16 anos, em caso de crime hediondo, e a que regulamenta a indicação de suplentes de senadores, impedindo que esses cargos sejam ocupados por parentes dos parlamentares.

CESTA BÁSICA DE CURITIBA É A TERCEIRA MAIS CARA DO PAÍS

05/11/2010 – O Estado do Paraná

Curitiba teve, em outubro, a maior alta na cesta básica do País. Segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) divulgou ontem, o conjunto de produtos essenciais fechou o mês passado com um aumento de 5,78%, passou a valer R\$ 231,96 e se tornou o terceiro mais caro entre as 17 capitais pesquisadas - posição que não era ocupada desde novembro de 2008.

Enquanto o tomate e a batata foram os vilões do mês, a carne, o feijão e o leite puxam a alta de 9,49% no ano. Para o economista Sandro Silva, do Dieese, a alta de outubro em Curitiba, apesar de ser a segunda seguida (em setembro, a variação ficou em 2,20%), deve ser relativizada.

"A cesta básica vinha em uma tendência de queda. Entre maio e agosto, houve baixa acumulada de 10,11%", informa, lembrando que apenas uma capital pesquisada - Aracaju, com -0,67% - teve baixa em outubro.

Mesmo assim, também há motivos para preocupação: Silva afirma que a variação em 12 meses da cesta curitibana, que está em 7,10%, está acima da inflação, que no mesmo período deve ficar em 5,11%, conforme estimativa do Banco Central.

O economista diz que os produtos devem sofrer novas altas em novembro, e provavelmente vão fechar o ano com um aumento superior à inflação. De acordo com Silva, são duas as principais causas das recentes altas nos itens da cesta básica: uma delas é o clima.

“A estiagem afetou o plantio e a colheita de vários produtos”, explica. A outra é o mercado internacional, afetado pela quebra de safra de alguns produtos. Para o economista, como o Paraná sofreu bastante com o clima, isso refletiu na variação maior nos preços do que em outras capitais.

Em outubro, as maiores altas foram no tomate (23,03%), na batata (18,71%), na banana (14,79%), na farinha de trigo (9%) e no açúcar (7,56%). Nenhum dos produtos pesquisados teve baixa no mês.

Porém, os dois itens que mais subiram no mês passado são justamente os que têm as maiores baixas acumuladas desde janeiro: o tomate está 12,12% mais barato que no início do ano e a batata, 7,82%.

Feijão

Por outro lado, três produtos essenciais na dieta dos brasileiros estão com altas expressivas no ano. A maior é no feijão preto, que subiu 23,75%. O engenheiro agrônomo Carlos Alberto Salvador, do Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento (Seab), explica que o produto vem, de fato, sofrendo oscilações ao longo dos anos.

“Os preços estavam bem altos em 2008 e muito baixos no ano passado. Agora estão passando por uma recomposição”, observa. Ele informa que, em 2010, a saca de 60 quilos de feijão preto já subiu 53%, para R\$ 88,09. Na variedade carioca a alta é ainda maior: 128%, para R\$ 127,55.

Já o item que tem maior peso na cesta básica, a carne, subiu 17,85% desde janeiro. O leite aumentou ainda mais: 18,35%. Para Silva, a questão climática, que afetou as pastagens, foi fundamental para os acréscimos.

No caso da carne, a Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo) informa que, além da estiagem, os rebanhos estão menores devido aos baixos preços pagos ao produtor entre 2008 e 2009. E também diz que o varejo está mantendo elevadas margens de lucro sobre o produto.

PRODUÇÃO INDUSTRIAL BRASILEIRA REGISTROU CONTRAÇÃO NO TERCEIRO TRIMESTRE DESTE ANO

04/11/2010 – Boletim Bradesco

Com resultado ainda fraco em setembro, produção industrial brasileira registrou contração no terceiro trimestre deste ano

- A tendência de estagnação da produção industrial brasileira nos últimos meses se manteve com o resultado de setembro, quando se observou recuo de 0,2% na margem, já descontando os efeitos sazonais, segundo a Pesquisa Industrial Mensal (PIM), divulgada hoje pelo IBGE. Na comparação com o mesmo mês de 2009, a produção industrial cresceu 6,3%. Esses resultados, entretanto, ficaram abaixo das nossas estimativas – de estabilidade na margem e expansão interanual de 7,2% –, e também abaixo das projeções do mercado (+0,1% e +7,1%, nessa mesma ordem),

lembrando que, em agosto, a produção havia recuado ligeiramente na margem (-0,1%).

- Analisando os dados desagregadamente, observamos retração na maior parte das categorias, com destaque para a queda da produção de bens de capital, de 2,6% em relação ao mês anterior, que se seguiu a uma queda de 2,0% em agosto (número revisado para baixo nessa divulgação). Em seguida, se encontra a produção dos bens de consumo duráveis, que apresentou retração de 1,3%, ao contrário da categoria de bens semi e não duráveis, cuja variação foi positiva em 1,3% em relação ao mês anterior. Já os bens intermediários, por sua vez, registraram queda de 0,5% na mesma base de comparação.

- Por atividades, houve retração marginal em 15 dos 27 segmentos da pesquisa, com destaque para o setor de materiais eletrônicos e equipamentos de comunicação, que apresentou recuo de 11,0% e também no setor de metalurgia básica, que se retraiu 2,0%, após quedas também significativas no período anterior. Apesar disso, também observamos quedas importantes nos segmentos alimentos (-1,7%), refino de petróleo e produção de álcool (-1,5%) e veículos automotores (-0,9%). Na direção oposta, destacamos as categorias que mais cresceram: edição e impressão (15,5%), farmacêutica (6,3%), bebidas (4,0%) e indústrias extrativas (2,5%).

- Com o resultado de setembro, a produção da indústria passou a registrar queda de 0,5% no terceiro trimestre, frente ao trimestre anterior, quando registrou alta de 1,2%, em termos dessazonalizados. Em nossa visão, no entanto, o enfraquecimento desse período vem refletindo o acúmulo de estoques resultante da aceleração do começo do ano. Conforme os estoques sejam reduzidos, esperamos que a produção da indústria volte a acelerar na margem gradualmente nos próximos meses. Para 2010, esperamos que o indicador registre crescimento de 10,6% referente a 2009.